

O surgimento do campo da atividade física para idosos no Brasil

The emergence of the field of physical activity for elderly people in Brazil

Silvio de Cassio Costa Telles*

Thulyo Lutz**

Rodrigo Vilela Elias***

Romulo Meira Reis****

Resumo: É comum hoje em dia a inserção do idoso brasileiro no rol da prática de atividades físicas. No entanto, até o segundo quartel do século XX, acreditava-se que a prática de atividade física sistemática poderia ser nociva ou mesmo antecipar a morte. Este estudo busca analisar e descrever como surgiu o campo da atividade física para idosos no Brasil. Metodologicamente utilizamos uma pesquisa bibliográfica aliada à Teoria do Campo do sociólogo Pierre Bourdieu (1983), que possibilitou a analogia entre o campo internacional do idoso, que se mostrou precursor, e o campo nacional. Tal relação desenvolveu um novo *habitus*, que transformou o medo em confiança, a dúvida em certeza, o sedentarismo em dinamismo, a eminência da morte em ampliação da vida, culminando no arquétipo dos “novos velhos” brasileiros.

Palavras-chave: Idosos. Atividade física. Construção do campo.

Abstract: Nowadays, the insertion of Brazilian elderly people in physical activity is quite common. However, until the second quarter of the 20th century, the belief was that this group's participation in systematic physical activities could be bad for their health or even anticipate their death. This study strives to analyze and describe the emergence of the field of physical activity for elderly people in Brazil. Methodologically speaking, we used bibliographical research combined with sociologist Pierre Bourdieu's Field Theory. This permits a comparison between the international and national fields pertaining to elderly citizens. This relation

* Doutor em Educação Física; Docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

** Especialista em Educação Física; Discente do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

*** Mestre em Educação Física; Professor da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro.

**** Mestre em Educação Física; Discente do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

developed a new *habitus*, which transformed fear in confidence, doubt in certainty, sedentary behavior in dynamism and the eminence of death in the amplification of life, culminating with the archetype of the “new” Brazilian elderly.

Key words: Elderly people. Physical activity. Field Theory.

INTRODUÇÃO

A partir do segundo quartel do século XX transformações possibilitaram novas atitudes dos idosos no tocante a própria concepção de existência. Até então, acreditavam que as energias gastas com atividades corporais, que à época não representavam significância, eram nocivas à saúde e por isso mantinham-se sedentários. Nesse contexto, percebe-se que rupturas e continuidades de um processo de compreensão do que era ou não adequado a uma parcela da sociedade, que ainda não figurava significativamente no rol das preocupações sociais, acabaram por reverberar o inexorável avançar das ciências, tanto humanas quanto médicas (TELLES, 2008).

O advento das atividades físicas, impulsionado pelos conceitos da promoção da saúde nos últimos trinta anos, tem se tornado recorrente nas discussões que atrelam de forma significativa às condições de vida e de saúde da população. Entendendo essa nova dimensão de análise como uma concepção ampla do processo saúde/doença e de seus determinantes, agora existe a busca da articulação de saberes técnicos e populares e a mobilização de recursos institucionais e comunitários, públicos e privados, para seu enfrentamento e resolução para melhoria da qualidade de vida dos idosos (FARINATTI; FERREIRA, 2006).

No Brasil a partir da década de 1970 há aumento significativo da população idosa, que passa a despertar a atenção para à questão sociocultural do envelhecimento. Nos anos seguintes, programas e projetos surgem em âmbito governamental na busca da inserção efetiva do idoso nas atividades sociais nos campos do lazer, da educação, da atividade física, da cultura, da assistência social e da promoção da saúde, contribuindo à construção do campo do idoso (PRATA, 1990).

É a partir da construção do campo social do idoso que há inserção da atividade física como meio à promoção da saúde, rompendo com o paradigma anterior que o

afastava de tal prática. A história não se interessa pela originalidade dos eventos individuais, mas por sua especificidade. Os fatos tem uma organização natural, o grande exercício é reencontrar tal organização (VEYNE, 1998). Assim, esta pesquisa tem como objetivo analisar e descrever como surgiu o campo da atividade física destinada aos idosos no Brasil.

Além disto, os objetivos específicos são: (i) Identificar os precursores do campo da atividade física para idosos; (ii) Identificar e examinar qual(is) campo(s) contribuíram para construção do campo da atividade física para idosos; (iii) Analisar as nuances entre as ocorrências no campo da atividade física para idosos no Brasil e no exterior (internacional).

MÉTODO

Este estudo tem o perfil qualitativo exploratório, cuja finalidade é ampliar, esclarecer e modificar conceitos e/ou ideias por meio da formatação de problemas específicos, evidenciando uma visão geral, de tipo aproximado, acerca de um fato. Assim, é recomendado para questões particulares em que o assunto ou tema pesquisado não é muito explorado e atribuem-se dificuldades em compor hipóteses que sustentem a pesquisa (GIL, 1999).

Dessa forma, Gil (1999) enfatiza que em pesquisas exploratórias é pouco aplicável sondar amostragens e empregar técnicas quantitativas para levantamento de dados. Portanto, utilizamos a pesquisa bibliográfica seguindo os preceitos de Oliveira (2007), valendo-se de documentos de domínio científico tais como livros, periódicos, enciclopédias, ensaios, dicionários e artigos científicos para compor a base qualitativa sobre o tema que subsidiasse o objetivo do estudo.

Para realizar a análise e discussão dos dados nos apoiamos na Teoria do Campo do sociólogo Pierre Bourdieu (1983), a fim de contextualizar e facilitar a compreensão acerca da relação entre a atividade física e o idoso. Tal teoria demonstra como um campo pode ser entendido a partir de outro, em nosso caso, reflexos do campo internacional influenciando tendências no Brasil.

Concordamos com Veyne (1998), ao apontar que um acontecimento só tem sentido dentro de uma série de eventos que não seguem um padrão geométrico no qual há lógica para esclarecer definitivamente o acontecido. A ideia de história é um limite

inacessível, já que é subjetiva e reflete a projeção de nossos valores nas respostas às perguntas que decidimos fazer. Descrever a totalidade dos fatos no campo histórico é tarefa das mais difíceis, já que um caminho deve ser escolhido e não pode passar por toda parte. Contudo, nenhum desses caminhos é o único ou verdadeiro, nem sequer reflete na totalidade a história. A história está no conjunto de informações, nos cruzamentos dos itinerários possíveis e, principalmente, nos objetivos da pesquisa.

A TEORIA DO CAMPO

À compreensão de uma produção cultural não basta referir-se ao contexto social e estabelecer relação direta entre o texto e o contexto. Por isso, Pierre Bourdieu (1983) elaborou uma alternativa descrita como “Campo”. A hipótese discutida é que entre esses dois polos distantes, entre os quais a ligação possa se fazer, existe um universo intermediário.

Este universo trata-se de um mundo social como os outros, regido por leis sociais específicas. Assim, a noção de campo define esse espaço relativamente autônomo, um microcosmo dotado de leis próprias (BOURDIEU, 2004a). Existe invariavelmente uma relação entre o microcosmo e o macrocosmo, mas o primeiro dispõe de certa autonomia que varia de campo para campo e torna as leis internas dos campos distantes do macrocosmo. Como exemplo, modificações no campo político (ou da política) em determinar o tempo em que se pode/deve se aposentar acaba por interferir na saída do mundo do trabalho, no caso do Brasil a partir de 65 anos de idade.

Por outro lado, o estudo dos campos permite acreditar em uma teoria geral capaz de fazer analogias entre os campos se tornarem pertinentes. Usar o que se aprende em determinado campo pode servir para inferir e/ou interpretar outros¹. Entretanto, as relações internas diferem do que acontece fora dele, pois cada campo sugere um agir próprio que reflete sua identidade social, isto é, um *habitus* próprio.

Bourdieu assim definiu o conceito de *Habitus*:

¹ Cada vez que se estuda um campo novo, descobrem-se propriedades específicas próprias a um campo particular, e ao mesmo tempo avança-se no conhecimento dos mecanismos universais dos campos que se especificam em função de variáveis secundárias (Bourdieu, 1983).

[...] sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente (BOURDIEU, 1983, p. 61).

As crenças, os valores, as normas e os princípios sociais interiorizados pelos atores sociais compõem um conjunto que está embutido em todas as ações e obras executadas no campo. Conjunto que norteia o senso de direção e molda as ações objetivas em campo, apto a produzir atos em que os agentes nem sequer possuem domínio consciente de sua existência, mas o fazem instintivamente, estes são os manifestos mais evidentes do *habitus* (ORTIZ, 1983).

Desta forma, a estrutura interna de um campo é um estado da relação de força entre os agentes ou instituições engajadas na luta ou, se optarmos, da distribuição do capital específico que acumulado das lutas anteriores, orienta as estratégias posteriores. Assim, os que monopolizam o capital específico² colaboram à manutenção do *status quo*.

Outra propriedade, a autonomia dos campos, é o que torna possível sua compreensão e a analogia com outros campos distintos, que ocorre principalmente pelo seu poder de refração. Quanto mais autônomo for um campo, maior será o poder de refração, que transfigura as imposições externas a ponto das mesmas se tornarem perfeitamente irreconhecíveis e dá ao campo uma distinção do meio externo. Como exemplo, o campo médico, relativamente bem estruturado e mais “antigo”, necessitou de tempo para que os conhecimentos sobre os efeitos das atividades físicas para idosos fossem disseminados e aceitos, tanto por médicos como pela sociedade em geral.

A distribuição do capital aos agentes (indivíduos ou instituições) caracterizados pelo volume/relevância do seu capital determina a estrutura do campo em proporção ao seu peso, que depende do peso de todos os outros agentes. Para que os conhecimentos novos relativos ao campo do idoso fossem aceitos, tiveram que ser produzidos por atores sociais com credibilidade.

² Tipo de capital que se relaciona ao prestígio pessoal que repousa quase que exclusivamente no reconhecimento dos pares.

O CAMPO E O IDOSO

Le Goff (1986) aponta que o passado depende do presente. Toda história é contemporânea, já que o passado é apreendido no presente e responde aos seus interesses. Em história, as explicações são mais avaliações do que demonstrações e incluem a opinião do historiador. Nesse sentido, discutiremos nas próximas linhas os eventos que contribuem à construção do campo do idoso.

O campo social do idoso recebe iniciativas a partir da década de 1950 na França, quando Pierre Laroque foi convidado a desenvolver um relatório³ para diagnosticar o panorama do idoso francês. O relatório Laroque originou uma política interventiva acerca do idoso, que se tornou pragmaticamente efetiva nos vinte anos subsequentes (Alves Jr, 2004). Pois:

Todos os esforços deveriam ser dirigidos no sentido de manter os idosos integrados ao meio social e econômico, a partir de uma política que privilegiasse múltiplos aspectos: trabalho, renda, ação social, saúde prevenindo ou retardando as doenças da velhice [...] (ALVES JR: 2004, p. 58).

Alves Jr (2004) aponta que nos anos de 1960, em Grenoble e em Paris, uma nova dinâmica de ação gerontológica surge para aumentar a autonomia do idoso. São os clubes da terceira idade e centros de dia que ofereciam condições para se mantivessem ativos. Guillemard (1986) afirma que a velhice não deveria ser representada como declínio, mas como manutenção da vida cotidiana. Baseada no discurso ativista⁴, surgem os animadores socioculturais e esportivos.

Contudo, os primeiros estudos acerca do envelhecimento apontavam, em sua maioria, à dimensão biológica. A velhice era considerada degenerescência física, um processo de evolução ou até involução, muitas vezes vinculado ao binômio saúde/doença (GOLDMAN, 2003).

³ Após o relatório Laroque, o governo decidiu por ampliar o sistema de aposentadoria, estimular as reformas dos asilos que não se encontravam em boa situação além de dar condições aos indivíduos envelhecerem em suas próprias residências, favorecendo assim um maior aproveitamento da terceira idade cuja construção de seus princípios estava em curso (Guillemard, 1986).

⁴ Os defensores dessa teoria propalam que o indivíduo idoso deve continuar a exercer a atividade laborativa, a participar de clubes, de grupos religiosos, de grupos culturais, de esporte [...]Essa seria a formula de uma velhice saudável e feliz (GOLDMAN, 2003, p. 25).

Em 1983, Holloszy relatou em seu artigo a fragilidade dos conhecimentos acerca das atividades físicas destinadas ao idoso, pois as teorias não eram conclusivas sobre a possibilidade de acelerar o envelhecimento, já que aumentavam a taxa metabólica e a produção de hormônio sob tensão. Afirmava ainda que uma das barreiras ao progresso era a carência de fisiologistas na área de manutenção da saúde e fisiologia do exercício, promovendo estudos acerca dos efeitos do exercício em portadores de doenças crônicas comuns ao envelhecimento. Até 1960 as comunidades médicas e científicas nos EUA e Europa (com exceção da Escandinávia) eram conservadoras frente a exercícios mais vigorosos para indivíduos de mais idade.

Com o decorrer do tempo, tornou-se cada vez mais claro que o binômio saúde/doença dependia das condições gerais da vida. As taxas elevadas de morbidade e mortalidade dos países em desenvolvimento, comparado aos desenvolvidos, eram explicadas pelos elevados índices de pobreza.

A compreensão acerca do conceito de saúde teve ruptura assim descrita por Farinatti e Ferreira (2006, p. 41):

[...] não se pode negar que um novo marco conceitual inicia seu desenvolvimento a partir dos anos 50, para o que muito contribuiu a definição clássica da OMS. A saúde passava a ser vista não como ausência de doenças, [...] mas como um completo estado de bem-estar físico, mental e social.

Frente ao novo conceito e sob influência midiática, Prost e Vicent (2001) mostram que a dietética, a higiene e a cultura física tornaram-se popularmente difundidas na Europa durante e após o período de guerras. Na França, entre 1970 e 1980, o peso dos franceses diminuiu um quilo em média, e esportes individuais como o tênis passaram de 50 mil praticantes em 1950, para 133 mil em 1968 e 993 mil em 1981. Assim, dentre outros fenômenos, o crescente desenvolvimento da mídia exerceu e continua exercendo devastadora influência nos modos de vida da sociedade moderna. Bourdieu (1996) já aponta essa tendência ao afirmar que “o desenvolvimento da imprensa é um indício, entre outros, de uma expansão sem precedentes do mercado dos bens culturais” (p. 70).

É inegável o surgimento de um mercado exclusivo aos idosos, que acaba por englobar intenções de outros campos apesar do poder de refração⁵. Podemos inclusive concordar com Bourdieu, quando é afirmado que o campo econômico tem em especial o poder de influenciar outros campos, principalmente se levarmos em conta os preceitos capitalistas.

No campo educacional surge em 1973, em Toulouse na França, a primeira Universidade da Terceira Idade (UNATI), destinada aos aposentados. Significativo passo à ratificação do campo que surgia, pois atenderia a população que começava a exigir da sociedade uma adequação as suas necessidades.

O envelhecimento progressivo dos idosos e a consciência de que poderiam exercer eficaz ação política deram origem ao denominado “poder cinza”, que aumentou em força e número. A tomada desta consciência por parte de quem possui poder econômico e político conferiu importância ao fato de pertencer a uma camada de idade que compreende a velhice (FARIA JR, 2000).

O desenvolvimento da geriatria e da gerontologia social são exemplos desta conscientização que propiciou encontros internacionais voltados à discussão sobre envelhecimento, que começaram a despontar nos anos de 1950 na Europa e EUA. O encontro realizado em Viena no ano de 1982 possibilitou a criação do I Plano de Ação Mundial sobre o Envelhecimento, referência para as nações.

Os eventos ocorridos nos campos da saúde, educacional, da atividade física e as influências do campo internacional, contribuiriam à construção do *habitus* que até então não representava o *modus operandi*⁶ dos idosos. Nesse contexto, acredita-se que os acontecimentos até aqui apresentados foram disseminados a diversos países a partir de viagens e estudos de atores sociais, que serão apresentados e discutidos ao longo do texto.

Países que detinham o conhecimento/capital específico dentro do campo do idoso, como França e EUA, foram propagadores, pois vivenciaram primeiramente o envelhecimento da população. Tal campo tornou-se autônomo, pois se configurava como precursor com alto poder de refração. Países que ainda não vislumbravam esta situação construíram seus campos analogamente ao campo precursor. Assim, o poder

⁵ Capacidade de um campo de resistir às influências do macrocosmos. Quanto mais autônomo for um campo menos ele é suscetível as influências, ou seja, maior o seu poder de refração.

⁶ Modus operandi – Termo em latim que significa modo de operação, empregado por Pierre Bourdieu (2005) para referir-se ao modo de agir, operar ou executar dos agentes nos campos.

de refração desses campos era extremamente frágil. Acreditamos que o Brasil tenha se enquadrado nessa perspectiva.

O CAMPO E O IDOSO NO BRASIL

Em 1923 é criada a lei Eloy Chaves, que se responsabilizava pelo direito social do trabalhador. Após, foram criadas as Caixas de Aposentadoria e Pensão (CAP) e o Instituto de Aposentadorias e Pensões (IAP), que em 1966 são unificados na criação do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS). Médici regulamenta a Lei nº 3.807/60 que aprova a aposentadoria por velhice aos 65 anos para homens e 60 para mulheres. Na década seguinte, Geisel assina a lei nº 6.179/74 que institui o amparo previdenciário para maiores de 70 anos e para inválidos (HADDAD, 1986).

A partir dos anos de 1960, na busca por uma vida mais promissora as pessoas migravam às áreas urbanas, principalmente na região sudeste. Apesar de o Brasil ser um país jovem, há aumento significativo no número de idosos a partir dos anos de 1970, e somente nos anos de 1980 o problema tornou-se preocupante (IBGE, 2001).

Em 1976 o Governo Federal solicitou um levantamento da legislação que protege o idoso e de bibliografia sobre a gerontologia social, aposentadoria e serviço social, para aprimorar a legislação sobre idosos e melhorar o atendimento por parte do Estado. Dessa forma, a Secretaria de Bem-Estar, subordinada ao INPS e ao Ministério da Previdência e Assistência Social (MPAS), publicou a “I Jornada de Estudo e Avaliação de Programas de Serviço Social” no período de 1976 a 1977, para avaliar o resultado dos programas de Capacitação para o Trabalho, Assistência aos Idosos e Esclarecimento e Mobilização de Recursos, implantados pelo MPAS em todo o Brasil.

Alves Jr (2004) confirma que no Brasil, próximos aos anos de 1960-70, ainda não se dava atenção ao fenômeno de envelhecimento da população. Assim, é provável que os documentos que serviram de base para a política francesa também serviram para a política dos idosos brasileiros, e que a normatização mais significativa da proteção social brasileira iniciou-se nos sistemas de aposentadoria.

Para descobrir mais acerca das iniciativas por parte do Estado e perceber relações com a construção do campo do idoso no Brasil, recorreremos a Telles (2008), ao apontar que Helena Bertho da Silva, assistente social, coordenadora e supervisora da I Jornada de Estudos e Avaliação de Programas de Serviço Social, projeto que propiciou transformações às leis voltadas ao idoso, percorreu diversos estados para conhecer instituições filiadas ao INPS e descobrir locais e pessoas que trabalhassem com idosos. O Brasil buscava se preparar para o envelhecimento e sempre que se falava nas ações do Governo, o foco era sobre projetos à saúde.

Em 1977 há a entrega do levantamento na câmara dos deputados de Brasília, que contribuiu para a criação do Sistema Nacional de Previdência e Assistência Social (SINPAS), - Lei nº 6.439 de 1977 - gerando transformações que influenciaram o atendimento ao idoso. A Legião Brasileira de Assistência (LBA) passou a ser responsável pelo atendimento à população idosa carente, filiada ou não a Previdência Social.

O CAMPO DA ATIVIDADE FÍSICA PARA IDOSOS NO BRASIL: OS INTELLECTUAIS PRECURSORES

Para delimitar a construção do campo da atividade física para idosos no Brasil, elencamos e contextualizamos os eventos e os atores sociais que a partir de viagens e/ou estudos contribuíram para tal. Bourdieu (2005) explica as relações dentro do universo social relacionam-se com os poderes oriundos dos tipos de capital que o agente social possui. O capital cultural, capital simbólico⁷ e o capital econômico dão contornos aos diversos tipos de capital. Isto posto, os agentes estão distribuídos no espaço social global de acordo com a estrutura de seu capital, isto é, de acordo com o peso relativo das diferentes espécies de capital econômico e cultural, no volume total de sue capital.

Concordamos com Veyne (1998), em que certos fatos são mais importantes que outros, mas tal importância depende dos critérios de cada historiador, portanto, não são absolutos. Desse modo, a construção do campo da atividade física para idosos no Brasil, aqui apresentada, obedece e restringe-se aos eventos considerados.

⁷ Bourdieu define capital simbólico como prerrogativas invisíveis que tornam-se vantajosas para quem as possui, como prestígio, reputação e fama.

Por outro lado, acreditamos que as atividades físicas para idosos no Brasil surgem associadas a atividades para adultos, e já na década de 1930, com o professor Oswaldo Diniz de Magalhães, idosos utilizavam o rádio para praticarem atividades físicas em casa. Assim, idosos rádio ginastas, sem saberem e em casa, podem ter sido pioneiros em tal prática. Uma idosa com 68 anos descreve em carta que fazia exercícios medrosamente, esperando que o coração, o fígado e os rins protestassem, mas as dores, palpitações e falta de ar foram desaparecendo à medida que mais intensamente praticava a ginástica (CARVALHO, 1994).

Para Furtado e Novaes (2004), o professor e médico Maurício Leal Rocha foi importante figura à construção do campo do idoso. Telles (2008) afirma que, Rocha, após especializar-se na Suécia começou a desenvolver trabalhos com idosos a fim de indicar a condição da aptidão física do brasileiro, foi o Projeto Brasil criado nos anos de 1970. Rocha, coordenador do projeto, percebeu que idosos submetiam-se a sessões de atividades físicas laborais diárias à sobrevivência e decidiu averiguar os efeitos realizando teste ergométrico, antropométrico e laboratorial. Os estudos foram precursores no cenário brasileiro, evidenciando a aptidão física, a qualidade de vida e o idoso.

Segundo Telles (2008), Rocha afirma que na Suécia, nos anos de 1950, já existiam estudos voltados à aptidão física e saúde do idoso, o que evidencia a interação entre o campo internacional e nacional. No livro “Aspectos Diversos da Medicina do Exercício” (2004, p. 193), há gráficos com data de 1956 que analisam o volume cardíaco e a atividade física, inclusive de homens destreinados e idosos. Vale ressaltar que as atividades de vanguarda nos países escandinavos já tinham sido ratificadas em Holloszy (1983).

Pesquisas iniciadas até os anos de 1960 não repercutiram de forma imediata, alterando a visão e as práticas sociais sobre idosos e atividades físicas. Acreditamos que as pesquisas oriundas do projeto Brasil representam um dos primeiros passos na produção do conhecimento, o que propiciaria a popularização da atividade física no decorrer dos anos de 1970-80, já que até então não existiam trabalhos institucionais interventivos sistematizados com idosos.

O professor de educação física Fernando Telles Ribeiro publicou em 1968 o artigo “Exercício Físico e Longevidade”, que apoiado em informações do Comitê Olímpico Búlgaro apontou que “a longevidade humana observada através dos efeitos

do condicionamento físico é um novo campo de experimentação da educação física” (RIBEIRO, 1968, p. 37), ratificando a ideia da construção de um novo campo. Constata-se que “indivíduos de idade quando submetidos à atividade funcional com exercícios físicos, ao invés de esperada atrofia apresentam, ao contrário, hipertrofia na musculatura [...]” (RIBEIRO, 1968, p. 38).

Telles (2006) afirma que Ribeiro não escreveu o artigo, mas o traduziu para a língua portuguesa por acreditar que o teor de texto devesse ser amplamente divulgado à população brasileira, pois começara a perceber que a vida sedentária era nociva à saúde. Em 1968, Ribeiro desconhecia atividades físicas para idosos, mas em um estudo de Cunha Jr e Melo (1999), Pedro Barros Silva aponta que o Professor Antonio Boaventura oferecia atividades para pessoas mais velhas, embora não fossem programas de acesso a todos.

De fato, Telles (2008) aponta que o Professor Antônio Boaventura da Silva, iniciou a prática de atividades físicas para pessoas maduras no Esporte Clube Sírio/SP no final dos anos de 1960, e posteriormente na Universidade de São Paulo (USP) para os catedráticos de outros cursos. Tais grupos foram criados no Sírio e na USP para demonstrar a importância do professor de educação física, além de defender a atividade física como vetor de promoção da qualidade de vida. Os alunos formavam um seleto grupo com idade média de 50 anos, e algumas exceções com 65 anos. Afirma que visitar a Suécia contribuiu para compreensão de sua prática profissional, fato que representa mais uma evidência da contribuição do campo internacional às nossas práticas. Essa iniciativa não se configurou como democrática, pois poucos eram os indivíduos que poderiam ter acesso. Contudo, para a época foi uma iniciativa que dava indícios que uma quebra paradigmática estava por vir.

No campo da saúde, confirmando o início de uma mudança, Kenneth Cooper publica acerca dos benefícios dos exercícios aeróbicos (1970) e a obra tornou-se um dos primeiros best-sellers na área de boa forma e estilo de vida. Já no livro “Aptidão física em qualquer idade” (1972), defendia a importância da atividade física como meio para minimizar as tendências da velhice. Já tínhamos 4,7 milhões de pessoas com mais de 60 anos e “as ideias de Cooper parecem ter contribuído à mudança paradigmática” (FARIA JR, 2005, p. 617).

A construção das atividades físicas para idosos no Brasil parece sofrer influência dos preceitos do campo da saúde. Rocha, Ribeiro e Boaventura destacam a

importância do exercício físico à melhora e manutenção da saúde, que por sua vez, forjou os primeiros conhecimentos do campo da educação física brasileira. Essas atitudes deflagradoras de novas perspectivas aliadas a outras tensões, como as oriundas do campo internacional, favoreceram um novo olhar frente às intervenções com idosos.

Embora o conhecimento ainda não fosse disseminado e/ou não propiciasse iniciativas mais próximas das que vemos hoje, intelectuais da época produziram conhecimento transformador para um momento em que as preocupações voltavam-se a uma população jovem e com índice significativo de analfabetismo.

O SESC E O TRABALHO INTERVENTIVO COM IDOSOS

O SESC foi criado em 1946 e em 1963 inicia trabalhos com idosos, tornando-se entidade precursora a oferecer amplamente atividades a esse público. O artigo “História dos Programas de Atividades Físicas para Pessoas Idosas no Brasil: Um Diálogo com Pedro Barros Silva” de Cunha Jr e Melo (1999), evidencia que as atividades físicas para idosos surgiram no SESC na década de 1970, onde foi implantado um programa para pessoas de 40 a 90 anos, que praticavam esportes adaptados.

Em 1962 o SESC enviou aos EUA um grupo de técnicos para observar trabalhos em centros sociais para idosos, os *Golden Age*⁸, que surgiram para suprir deficiências dos idosos no atendimento às necessidades frente às transformações sociais que ocorriam. Após o retorno criaram um programa de atendimento específico aos aposentados, em São Paulo.

Pedro Barros Silva afirma que o início das atividades para idosos ocorreu no SESC/São Paulo, onde frequentavam o restaurante e após as refeições ficavam parados. Carlos Malestra, orientador social, passou a reuni-los e oferecer atividades de lazer, jogos de baralho, abriu-lhes a biblioteca e fez reuniões. Outras unidades do SESC e grupos passaram a integrar-se ao trabalho. Barros aponta que Renato Reiquixa e Marcelo Salgado atuaram na integração das propostas de trabalho. Além disso, professores receberam bolsas para analisar o que acontecia na França e EUA

⁸ Centros de convivência que foram criados nos EUA e tiveram significativa disseminação em todo o país. Com forte ligação com o lazer em um amplo sentido cultural, integrado nos parâmetros de uma educação permanente do ser humano (SESC, 1999).

no campo da terceira idade. A França apresentava grande avanço, sobretudo com a criação da UNATI (CUNHA JR; MELO, 1999).

Telles (2008) entrevistou o Gerontólogo Marcelo Salgado que atuou por mais de 30 anos como diretor do Programa Trabalho Social com Idosos do SESC/SP, referência mundial no trabalho com a terceira idade. Salgado, em consonância com Cunha Jr e Melo (1999), conta que o SESC começou o trabalho em 1963, e Carlos Malestra, a partir de experiência com idosos nos EUA, foi quem implantou as atividades e fez a primeira ampliação, mas restringiu-se ao trabalho com doze ou quatorze senhores que se reuniam em uma sala, e com um estagiário de serviço social, conversavam e jogavam dama, mas não praticavam atividades físicas.

Salgado afirma que médicos eram resistentes à prescrição de atividades físicas aos idosos, pois acreditavam, por conta do senso comum e nível de conhecimento médico da época, que os idosos eram frágeis e não tinham “saúde” para tal (TELLES, 2008). Assim, a manutenção do *status quo* por parte dos agentes que desenvolvem as tensões merece destaque, já que enquanto for interessante para os dominantes, tudo deverá ser feito para que as coisas permaneçam como estão. A manutenção é ligada a aparição de um corpo de conservadores do passado e do presente, detentores do capital específico. Tal atitude ou estratégia com o passado e com o presente é um dos índices mais seguros da constituição de um campo (BOURDIEU, 1983).

Salgado, convidado pelo governo, desenvolveu propostas e ideias pertinentes à primeira legislação voltada ao idoso. Em 1975/76 trabalhou na secretaria de ação social que cuidara de políticas públicas, onde criou o Primeiro Plano Nacional de Assistência ao idoso, embrião das políticas sociais seguintes. Nesse sentido, Bourdieu (2004c) cita que o Estado através de uma *nomeação oficial* legitima quem a ele interessa, utilizando o capital específico de determinado ator social, conferindo-lhe poder para deflagrar mudanças ou manutenção no campo.

A relação entre os especialistas, o SESC e o governo protagonizou uma das preocupações de Haddad (1986), pois a ideologia médica acerca do envelhecimento fundamenta e contribui à construção da ideologia da velhice produzida pelo Estado brasileiro, além de subsidiar a ação do SESC, que utilizou conhecimentos desses especialistas. A autora aponta que uma política pautada nos conhecimentos médicos,

isto é, uma “pastoral do envelhecimento ativo”⁹, foi desenvolvida para minimizar as condições desfavoráveis dos indivíduos durante uma vida penosa e de injustiças sociais.

Bourdieu (2004a) acredita que os campos científicos são lugares de duas formas de poder que correspondem a duas espécies de capital científico. De um lado encontra-se o poder temporal (ou político), institucional e institucionalizado, que é ligado à ocupação de posições importantes nas instituições que possuem o domínio da produção e da reprodução. De outro lado, há o poder específico, “prestígio” pessoal, que se atrela ao capital científico, cultural, econômico ou aquele que de fato crie pressões muitas vezes invisíveis dentro das relações do campo. Em certas situações, as tensões dentro do campo são resolvidas muito mais pela força que se atrela ao capital do que pelo próprio capital. Acreditamos que a nomeação e intervenção de Salgado representam tal dualidade no campo científico.

Para Telles (2008), Salgado pensou nas atividades físicas para idosos no SESC a partir do estágio realizado na Alemanha, onde as atividades não eram para idosos saudáveis, mas como meio à reabilitação. No entanto, acreditava que poderia ser um meio preventivo de complicações futuras. Quando chegou ao Brasil propôs a ideia ao SESC, e após reunir professores receosos, solicitaram exames médicos e avaliação cardiológica para, com cuidado, desenvolver as atividades com idosos.

Possivelmente, a partir dos trabalhos do SESC as intervenções para os já idosos começaram a fazer parte do rol das preocupações públicas, e o estado de São Paulo foi pioneiro em oferecer atividades corporais aos já idosos. Prata (1990) apresenta informações que demonstram nova visão acerca da intervenção de atividades físicas com idosos no Brasil, já que diversos programas surgiram a partir do final da década de 1970 na cidade de São Paulo. O lazer, o associativismo, a saúde e as informações representavam características dos seguintes programas: LBA - SESC - Secretaria de Saúde do Estado/SP - Grupo Especial de Desenvolvimento do Programa do Idoso - Secretaria de Promoção Social do Estado/SP - Secretaria de Esportes e Turismo do Estado/SP- Serviço de Geriatria do Hospital das clínicas da USP - Programa de Preparação para a Aposentadoria – MOPI.

A Secretaria de Esporte e Turismo/SP promovia pontos de encontro com atividades recreativas, manuais, culturais, palestras e cursos. Tais se contrapunham

⁹ Conceito apresentado por Alver Jr (2004).

ao assistencialismo tradicional e era baseado no associativismo e no lazer, a fim de recuperar a autoestima e reintegrá-lo a sociedade, representando um novo olhar sobre os idosos.

O estudo das características dos campos permite acreditar em uma teoria geral que torna possível as comparações entre eles. Usar o que se aprende em um campo pode servir para inferir e/ou interpretar outros (BOURDIEU, 1983). Assim fez Marcelo Salgado, interpretou o campo internacional e vislumbrou possíveis aplicabilidades no Brasil.

Segundo Telles (2008), Salgado se reconhece como intelectual protagonista na construção do campo, ao afirmar que a primeira experiência formal, exclusiva para idosos, organizada e reconhecida de atividades físicas foi no SESC/São Paulo em 1977. Foi convidado ao Congresso Nacional para explicar suas ideias e ações sobre o trabalho desenvolvido no SESC, transformando-se em consultor. Assim, planejou e propagou os trabalhos por outras unidades do SESC em todo o Brasil. Em 1977 voltou da França e criou a Escola Aberta da Terceira Idade no SESC, baseado na Universidade de Toulouse, com desenvolvimento de atividades corporais em todas as escolas implantadas.

A importância da atividade física como veículo à promoção da saúde faz o campo político começar a desenvolver políticas que buscavam inculcar um ativismo a todos. Desta forma, o I Plano Nacional de Educação Física e Desporto, que incluía o esporte de massa entre as áreas prioritárias, possibilitou o lançamento da Campanha “Esporte Para Todos” (EPT) em 1977, iniciativa do Governo Federal ao incentivo e propagação do lazer esportivo, inclusive com prática de atividades físicas. A campanha seguia os princípios da educação permanente, subjacentes à Carta Europeia do EPT.

O projeto desenvolveu um decálogo, isto é, um conjunto de ideias que sustentou a campanha, possivelmente reverberando um novo *habitus* no qual a inserção do idoso já representava uma realidade no contexto social. O item quatro, sob título Integração social, tinha por objetivos estimular a união e a solidariedade popular, dar especial atenção à unidade familiar, às relações pais e filhos, à participação feminina e à valorização da criança e do idoso (DaCOSTA, 1977).

Em busca de mais informações recorreremos a Telles (2008), ao apontar que o professor de educação física Lamartine Pereira da Costa, participante da realização

do programa, afirmou o surgimento da ideia a partir de sua ida a um congresso de Buenos Aires, em 1972, onde conheceu um alemão que versou sobre o EPT que ocorria na Europa, conhecido por TRIMM. No ano seguinte foi convidado a conhecer o projeto de perto, foi a Alemanha e Hungria, onde percebeu que eram apenas atividades práticas e não existia teoria. As pessoas aderiam porque desejavam aderir, sem saber o porquê. Lamartine gostou da ideia e se empenhou para organizar o projeto no Rio de Janeiro.

Lamartine conta que no Brasil as atividades do EPT não eram impostas, mas desenvolvidas pelas regiões onde o projeto figurava. Desta forma, acredita que em algum lugar alguém deveria desenvolver trabalhos com pessoas de mais idade, o que justifica o uso do termo idoso contido no decálogo. Lamartine lembra que “a proposta de Cooper colou na mente das pessoas, influenciando muita gente” (TELLES, 2008, p. 100).

O que fazer com trabalhadores que chegam à velhice com tempo ocioso e utilizam-se dos recursos do governo durante muito mais tempo? A incorporação do discurso gerontológico por parte do Estado reflete a tentativa de controle do problema e caracteriza atitude que ataca o efeito de uma política que desfavorece o trabalhador. A “pastoral do envelhecimento ativo”, prescrevendo um ativismo muitas vezes associado à prática de atividades físicas, teve sua gênese dentro desses vinte anos que discutimos, 1960/1980, fruto de influências dos campos político, social, da saúde e educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade física surge como um caminho à vida saudável, pois a saúde não é mais a ausência de doenças, e sim um constructo multifatorial. O idoso, que já não parava mais de trabalhar para morrer, começava a ocupar outros campos sociais em busca do bem-estar e da felicidade. A atividade física surgiu como possibilidade de favorecer esse novo *habitus*, hoje socialmente aceito e amplamente difundido.

O campo internacional foi o primeiro a desenvolver preocupações com o idoso, com destaque para França, EUA, Suécia e Noruega. O campo desses países tornou-se muito refratário e autônomo, desencadeando mudanças em outros. Por outro lado, o capital específico produzido representou a vanguarda de uma legislação ao idoso.

Reforçando a premissa de Bourdieu (1983), ao compreendermos o primeiro facilitou a elucidação do segundo.

Na França, o relatório La Roque diagnosticou novas perspectivas ao aumento da população idosa. No Brasil as primeiras incursões dessa natureza surgem em meados de 1970, seguido por intervenções, sobretudo do SESC como instituição de vanguarda. Soma-se a isso as ideias e trabalhos de Marcelo Salgado, em defesa da atividade física aos idosos e da construção da legislação.

As atividades de lazer associadas às atividades físicas e um panorama social mais afeto a “pastoral do envelhecimento ativo” permitiam ao idoso praticar exercícios. Além disso, desenvolver estilos de vida com o intuito de minimizar os gastos com os que envelhecem pode ser um exemplo de manutenção da doxa econômica fundamental aos governos.

O processo de transformação cultural de massa favorecia um novo *habitus* que contribuiu à construção de novos paradigmas. Assim como o EPT, instituições criaram oportunidades interventivas aos idosos, que já influenciados por uma nova perspectiva de vida inseriram-se no processo.

Acreditamos que o surgimento do campo da atividade física para idosos no Brasil ocorreu a partir da construção histórica apresentada e discutida até aqui. Concordando com LE GOFF (1996), a história só é história quando não concorda com o discurso absoluto nem com a singularidade absoluta.

REFERÊNCIAS

ALVES JUNIOR, Edmundo. Drummond. **A pastoral do envelhecimento** (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: UGF, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **Os Usos sociais da ciência**. São Paulo: UNESP, 2004a.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004b.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2004c.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE). **Dados preliminares do Censo 2000**, Rio de Janeiro: IBGE, 2001.

BRASIL. **Lei nº 6.439, de 1º de setembro de 1977**. Institui o sistema Nacional de Previdência e Assistência Social e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 2 de set. 1977.

CARVALHO, Sergio. **Hora da ginástica: resgate da obra do prof. Oswaldo Diniz de Magalhães**. Santa Maria: Sergio Carvalho, 1994.

COOPER, Kenneth H. **Aptidão física em qualquer idade**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército e Fórum Editora 1972.

COOPER, Kenneth H. **The New Aerobics**. Bantam Books, 1970.

CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando; MELO, Victor Andrade de. Uma conversa com Pedro Barros Silva. In: **Atividade física para idosos. Consensos e controvérsias**. Rio de Janeiro: SPRINT, 1999.

DACOSTA, Lamartine Pereira. **Documento básico da campanha Esporte Para Todos no Brasil**. Revista Brasileira de Educação Física e Desportos, Brasília: v. 9, n. 35, p. 13-27, jul./dez., 1977.

FARIA JUNIOR, Alfredo Gomes de. Esporte e inclusão social – Atividades físicas e idosos. In: **Atlas do esporte do Brasil: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005. p. 617-621.

FARIA JUNIOR, Alfredo Gomes de. **Ensino e Educação para Idosos**. Tese (Concurso para Titular). Rio de Janeiro: UERJ, 2000.

FARINATTI, Paulo de Tarso Veras; FERREIRA, Marcos Santos. **Saúde, promoção da saúde e educação física: conceitos, princípios e aplicações**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.

FURTADO, Elen Salas; NOVAES, Edmundo. Um pouco da história da fisiologia do exercício e do LABOFISE. In: **Aspectos diversos da medicina do exercício**. Rio de Janeiro: Revinter, 2004. p. 33-40.

GIL, Antônio Carlos **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GOLDMAN, Sára Nigri. **Universidade para a terceira idade: uma lição de cidadania**. Pernambuco: Elógica, 2003.

GUILLEMARD, Anne Marie. **La retraite une mort sociale**. Paris: Mouton, 1972.

HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo. **A ideologia da velhice**. Rio de Janeiro: Cortez, 1986.

HOLLOSZY, John. Exercise, health, and aging: a need for more information: In: **Medicine & Science in sports & exercise**. Vol 25-nº5 May 1983.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1996.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

ORTIZ, Renato (org). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

PRATA, Lizete Emília. Os Programas especificamente destinados a população idosa. In: **O Idoso na Grande São Paulo**. São Paulo: Coleção Realidade Paulista Fundação SEADE, 1990.

PROST, Antoine; VICENT, Gérard. **História da Vida Privada: Da Primeira Guerra aos nossos dias**. Vol. 5. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.

RIBEIRO, Fernando Telles. **Exercícios Físicos e Longevidade**. In: Boletim Técnico Informativo do Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro: MEC, 1968.

SERVIÇO SOCIAL DO COMERCIO (SESC). **Trabalho social com idosos: 1963/1999 36 anos de realizações**. São Paulo: SESC, 1999.

TELLES, Silvio de Cássio Costa (2008). **A construção do campo do conhecimento sobre as atividades físicas para idosos no Brasil**. (Tese de Doutorado) Rio de Janeiro: PPGEF/UGF.

TELLES, Silvio de Cássio Costa; MOURÃO, Ludmila. Primórdios do movimento de teorização no campo da intervenção das atividades físicas para idosos: o artigo documento de Fernando Telles Ribeiro. In: X Congresso Nacional de História do

Esporte, Lazer, Educação Física, Curitiba - PR. **Anais do X Congresso Nacional de História do Esporte, Lazer, Educação Física e Dança**, 2006.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. Brasília: UNB, 1998.

**Recebido em Setembro de 2014.
Aprovado em Novembro de 2014.**